

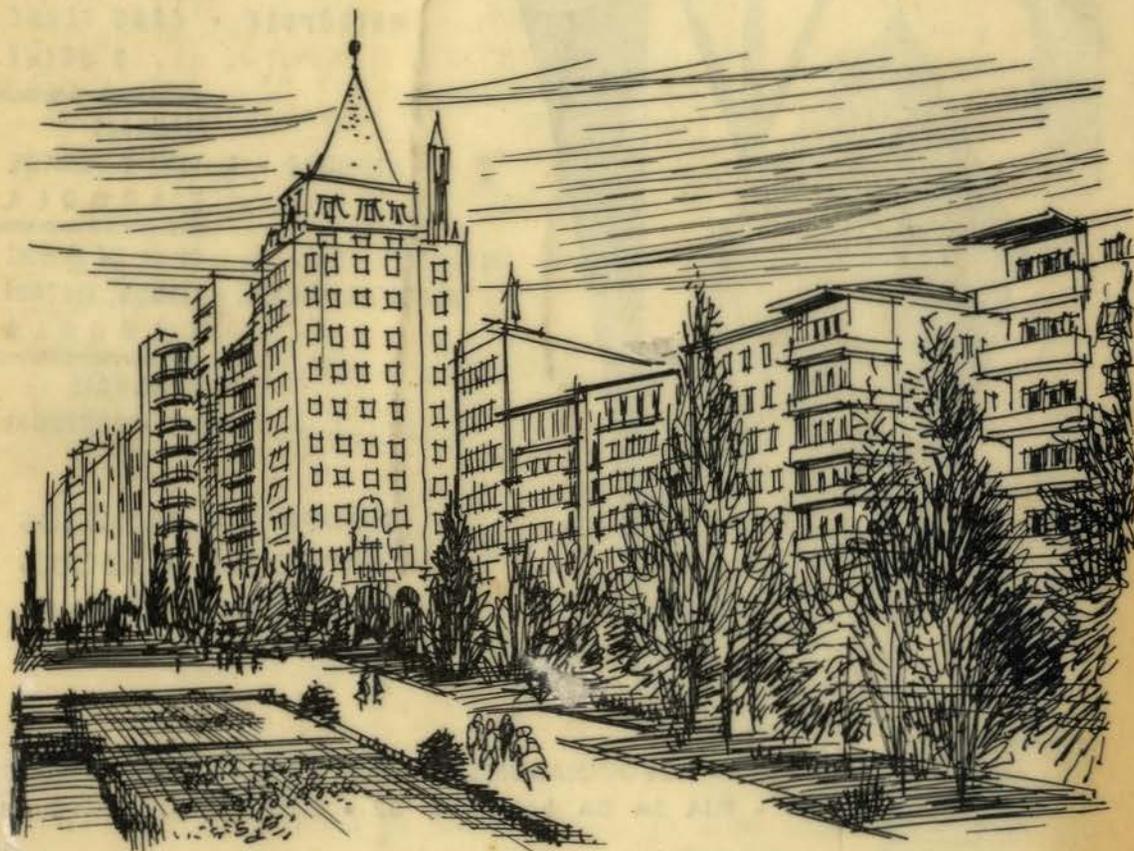
OLISIPO



*Boletim Trimestral do Grupo
Amigos de Lisboa*



25 Anos
de
Cultura Olisiponense



ANO XXIV

N.º 96

OUTUBRO DE 1961



S.G.

SOCIEDADE GERAL

**DE
COMÉRCIO,
INDÚSTRIA
E
TRANSPORTES**

CARREIRAS REGULARES

DIAS 10, 15 e 25 DE CADA MÊS

**METRÓPOLE • CABO VERDE
E GUINÉ**

MENSAIS

**METRÓPOLE • S. TOMÉ E PRÍNCIPE
E A N G O L A**

DE 21 EM 21 DIAS

**NORTE DA EUROPA • LISBOA, MATADI
E A N G O L A**

SEMANAIS

ANVERS • PORTUGAL

**TRAMPING — TRANSITOS
SERVIÇO DE REBOQUES
FLUVIAIS E DE ALTO MAR**

**LISBOA • RUA DOS DOURADORES, 11 • TELEF. 326314 • 34513 • TELEG. GERAL
PORTO • RUA SÁ DA BANDEIRA, 82 • TELEF. 27363 • TELEG. GERAL**

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Com o capital de

ESC. 294.100.000\$00

Pesquisa e extracção de diamantes

na

PROVÍNCIA DE ANGOLA

em regime de exclusivo

Sede Social: LISBOA, Rua dos Fanqueiros, 12-2.º – Teleg. DIAMANG

Presidente do Conselho de Administração

e
Administrador-Delegado

Com. Ernesto de Vilhena

Vice-Presidente

Com. Álvaro Morna

Presidente dos

Grupos Estrangeiros

Le Baron Pierre Bonvoisin

DIRECÇÃO-GERAL NA LUNDA

Director-Geral

Major João Tarujo Nunes Correia

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA

Representante

Dr. Sílvio Guimarães

POUSADAS DE PORTUGAL

PARA se reconhecer a verdadeira face de Portugal e as suas belezas reais, nada mais indicado do que um circuito pelas suas tão características Pousadas de Turismo.

Situadas nos pontos mais pitorescos do País, decoradas e mobiladas ao gosto local, com saborosa e variada comida regional — dentro da melhor tradição portuguesa — as Pousadas oferecem generosamente ao viajante, por preço excepcionalmente módico, o conforto e a intimidade de uma casa particular, onde ele tem sempre a certeza de encontrar o tradicional acolhimento português, que é a expressão do próprio País.

Ao falar-se do turismo português não pode em verdade ignorar-se o que representa no seu desenvolvimento a criação desses típicos albergues de ambiente agradável e acolhedor.

Lugares de repouso, de tranquilidade, eles representam incontestavelmente uma das realizações mais interessantes da actividade do turismo nacional.

E o que é também notável é merecer que se divulgue, é que o exemplo destes pequenos estabelecimentos, a sua lição de bom gosto, foi rapidamente compreendida e seguida pelos industriais de hotelaria. Resultou, assim, que muitos pequenos hotéis de província construídos ultimamente, foram já levantados ao jeito das Pousadas, copiando o seu estilo — tudo o que nelas é característico: claridade, limpeza e conforto.

Alcançou-se desta forma e com pleno êxito o objectivo em vista pelo Estado: estimular o desenvolvimento da indústria hoteleira, elevar o nível do bom gosto, tornando assim mais agradável, mais acolhedora a tradicional hospitalidade da terra lusitana.

Pousada do Barão de Forrester

ALIJÓ

Situação: Na estrada do Pinhão a Murça. A 45 kms. de Vila Real; a 3 kms. de Sabrosa; a 16 kms. do Pinhão e a 26 kms. de Murça.

Pousada de Santo António

SERÉM — MOURISCA DO VOUGA

Situação: Lugar de Serém, freguesia de Macinhata do Vouga (Águeda) junto à Estrada Nacional n.º 1 (Lisboa-Porto), 0,500 kms. ao norte da ponte sobre o rio Vouga.

Pousada de São Lourenço

SERRA DA ESTRELA — MANTEIGAS

Situação: Na Serra da Estrela a 3 kms. das Penhas Douradas; a 24 kms. ao sul de Gouveia, a 14 kms. ao norte de Manteigas e a 1.500 m. de altitude.

Pousada do Castelo

ÓBIDOS

Situação: A 6 kms. de Caldas da Rainha e a 11 kms. do Bombarral.

Pousada de São João Baptista

BERLENGA

Situação: Na Ilha da Berlenga.

Pousada de S. Bartolomeu

BRAGANÇA

Situação: Em Bragança, na estrada de turismo que circunda o cabeço de S. Bartolomeu; a 30 kms. de Quintanilha (Frenteira Espanhola).

Pousada de São Martinho

ALFEIZERÃO

Situação: Ao Km. 229 na estrada de Lisboa ao Porto, em Alfeizerão — entre Caldas da Rainha e Alcobaca — junto à estrada, na rampa de Alfeizerão.

Pousada de Santa Luzia

ELVAS

Situação: Fora das muralhas de Elvas, a 200 metros da cidade, junto à Estrada Nacional de Lisboa a Badajoz.

Pousada de São Tiago

SANTIAGO DO CACÉM

Situação: Junto à Estrada Nacional, na descida para Santiago do Cacém.

Pousada de São Brás

S. BRÁS DE ALPORTEL

Situação: Na Serra do Caldeirão, junto à Estrada Nacional, a 12 kms. ao sul do cruzamento do Barranco do Velho e a 2,500 kms. ao norte de S. Brás de Alportel.

Pousada de São Gonçalo

SERRA DO MARÃO — AMARANTE

Situação: Entre Amarante e Vila Real, no lugar da Bela Vista, perto do Alto do Espinho, no limite do distrito do Porto, a 885 m. de altitude.

Pousada do Infante

SAGRES

Situação: Sagres, na Ponta da Atalaia; a 32 kms. de Lagos e a 50 kms. de Portimão.

Oferta

27. JUL. 1986

M.

OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XXIV

OUTUBRO DE 1961

NÚMERO 96

Director, o Presidente da Junta Directiva
FERNANDO FREITAS SIMÕES

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"

Redacção e Administração: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º - Tel. 32 57 11

Comp. e imp. de Ramos, Afonso & Moita, Lda. - S. Vicente de Fora - R. Voz do Operário, 8 a 16

Direcção gráfica de Luís Moita



SUMÁRIO

	Pág.
SANTO ANTÓNIO NAS COMEMORAÇÕES DO XXV ANIVERSÁRIO DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA» pelo <i>Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves</i>	165
EM LOUVOR DE UMA INSIGNE FIGURA LISBOETA pelo <i>Eng. Júlio Eduardo dos Santos</i>	167
SANTO ANTÓNIO DOS DEMBOS EM ANGOLA pelo <i>Coronel J. R. da Costa Júnior</i>	175
SANTO ANTÓNIO E A CULTURA DA IDADE MÉDIA pelo <i>Rev. Padre Henrique Pinto Rema</i>	184
ACTIDADE CULTURAL DO ÚLTIMO TRIMESTRE	190
A PROPÓSITO DO XXV ANIVERSÁRIO DO GRUPO — FELICITAÇÕES E OFERTAS	195
FEIRA DA LADRA	197
CAPA: A Praça de Londres — Desenho de Júlio Gil	

Distribuição gratuita a todos os sócios

Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores

ÍNDICE

DO 24.º VOLUME

1 9 6 1



	Pág.
A Cerca do Noviciado, por <i>Pontes</i>	20
A Data da morte do Padre-Mestre Filipe de Magalhães, por <i>Mário de Sampaio Ribeiro</i>	9
A Propósito do 25.º aniversário do Grupo — felicitações e ofertas	195
Acção cultural durante o ano de 1960	29
Actividade cultural, do último trimestre 25, 95, 155 e	190
Alocução proferida no acto da posse do Presidente da Assembleia Geral, pelo <i>Prof. Doutor Raul de Carvalho</i>	83
Cinco-Rêzinhos para o Santo António, por <i>Alfredo Ferreira do Nascimento</i>	149
Camilo Castelo Branco — Alguns episódios pouco conhecidos ou já esquecidos da sua vida, por <i>Nuno Catarino Cardoso</i>	43
Assembleia Geral de 1961 — Relatório da Junta Directiva e Parecer da Comissão de Contas (<i>Último triénio de 1958/1960</i>)	99
Duas páginas da História do Tauródromo do Campo Pequeno, por <i>Francisco Câncio</i>	75
Eça de Queiroz e o Chiado, por <i>Luis de Oliveira Guimarães</i>	35
Em louvor duma insigna figura lisboeta, pelo <i>Eng. Júlio Eduardo dos Santos</i>	167
Feira da Ladra 26, 109, 161 e	197
Iconografia olisiponense em azulejos, pelo <i>Eng. J. M. dos Santos Simões</i>	115
Lista dos actuais Corpos Gerentes para o triénio de 1961/1963	106
O Barão de Catânea, por <i>Gustavo de Matos Sequeira</i>	3
O Observatório Astronómico de Lisboa, por <i>Alfredo Ferreira do Nascimento</i>	59
O Órgão de S. Vicente de Fora, por <i>L. A. Esteves Pereira</i>	135
«O Toucador», o primeiro jornal de Modas que se publicou em Lisboa, por <i>Luis de Oliveira Guimarães</i>	16
Os Excelentíssimos Presidente e Vice-Presidente da Câmara Municipal visitaram a sede dos «Amigos de Lisboa»	113
Os primórdios da fundação do Grupo «Amigos de Lisboa», por <i>Teodoro Lopes Ramos</i>	88
Palavras proferidas em 27 de Março no acto de posse dos Corpos Gerentes, pelo <i>Dr. Eduardo Neves</i>	93
Quatro notas alfacinhas respigadas em folhetos e Mercúrios do século XVIII	23
Santo António e a cultura da Idade Média, pelo <i>Rev. Padre Henrique Pinto Rema</i>	184
Santo António dos Dembos, em Angola, pelo <i>Coronel J. R. da Costa Júnior</i>	175
Santo António nas comemorações do 25.º aniversário do Grupo «Amigos de Lisboa», pelo <i>Doutor Eduardo Neves</i>	165
Um Quadro Olisiponense do Museu do Dôle — Um Pintor Romântico Francês em Lisboa, em 1837, pelo <i>Doutor Eduardo Neves</i>	13

SANTO ANTÓNIO

*nas comemorações do XXV Aniversário
do*

GRUPO AMIGOS DE LISBOA

Consagrou em especial o Grupo — no seu 25.º aniversário — a figura de Santo António de Lisboa. Além da Exposição fotográfica e bibliográfica da colecção Eng. Júlio Eduardo dos Santos, de que foi editado um catálogo ilustrado, realizaram-se, como se referiu já, três conferências, que propositadamente juntas se publicam.

O último número do OLISIPO inseriu já um artigo, antoniano também, elaborado pelo Sr. Alfredo Ferreira do Nascimento, sob o título «Cinco-rèizinhos para o Santo António».

A primeira conferência, da autoria do Sr. Eng. Júlio Eduardo dos Santos, que não foi lida, publica-se agora em resumo reconstituída dos seus apontamentos; a segunda, lida pelo Coronel Sr. José Ribeiro da Costa Júnior e de que se apresenta uma síntese, foi efectuada, como já se disse, em colaboração e integrada na Semana do Ultramar, iniciativa da Sociedade de Geografia de Lisboa; a terceira — a encerrar a Exposição Antoniana — foi da autoria do Reverendo Padre Henrique Rema. Ao reuni-las todas neste último número do OLISIPO, no 25.º aniversário do Grupo, quisemos assinalar condignamente o nosso intento.

Aos autores das conferências e do artigo publicado e ao expositor, se apresentam os cumprimentos e agradecimentos do Grupo e, com os seus trabalhos, se publicam agora 4 gravuras: a de Santo António com vestes doutorais, antiga escultura de madeira existente em Lamego (dois aspectos); a do padrão que consagra ao Santo um forte militar, nos Dembos, em Angola, e a dum dos quadros de azulejo existentes na Capela de Santo António do Vale, na rua do mesmo nome, em Lisboa. São todas menos conhecidas e algumas inéditas.

E. N.

Em Louvor de uma Insigne Figura Lisboeta

pele Eng. JÚLIO EDUARDO DOS SANTOS

O tema da conferência não indicava que insigne filho de Lisboa se pretendia exaltar: o seu título bem se adaptaria a uma série de preleções dedicadas a elogio de numerosos vultos notáveis, quer da vida da cidade gloriosa, quer da história da Nação e até da Humanidade. Mesmo na hipótese de eventualmente vir a ocupar-se de alguns deles — disse o conferencista —, considerava justificado referir-se, em primeiro lugar, a Santo António de Lisboa, indiscutivelmente o Português mais conhecido em todo o mundo. Não o movia, porém, a ambiciosa intenção de tentar novo elogio do famoso lisboeta, que, em frase feliz, alguém disse ser uma polarização de genealidade das que só surgem de milénios em milénios; e nem mesmo o norteava o objectivo mais modesto de carrear algumas achegas para futuras produções, próprias ou alheias, de maior envergadura. As suas palavras pretendiam apenas focar alguns dos aspectos do *louvor* que, incessantemente, Portugal deve tributar a tão insigne figura.

Como prólogo às suas considerações, disse o orador que só por *Santo António de Lisboa* devem os Portugueses designar o seu patrício universalmente conhecido por *Santo António de Pádua*: enche-os de justificado orgulho a sua naturalidade, que — conveniente notá-lo — nunca é ocultada em obras de autores italianos ou de outras nacionalidades, quer de erudição quer de simples divulgação; aliás, a aspiração de que o «Doutor Evangélico» passasse a ser considerado somente como *de Lisboa*, estaria condenada a seguro insucesso. A propósito, recordou ter o grande Poeta Afonso Lopes Vieira escrito — em Pádua — que «diante desta fé de sete séculos, concentrada nesta basílica gigantesca, e numa cidade que quase perdeu o nome para se chamar a *Santa*, ocorre perguntar se o nosso patriotismo tem

direito de protestar contra a designação de Santo António de *Pádua*. Creio que não; e creio que nos deve bastar a glória de se saber que Santo António nasceu em Lisboa e que em Portugal adquiriu a ciência que o ilustrava. Pretender que em Pádua ou em qualquer parte do mundo — à excepção de Portugal, do Brasil, e do nosso Além-Mar — se dissesse: Santo António de *Lisboa*, seria não apenas inútil, mas insensato. Porque os Santos pertencem muito mais aos lugares onde evangelizaram e morreram do que àqueles onde foram nascidos».

Demais, a subtilidade do emprego das preposições em italiano favorece-nos (*da* para indicar lugar do nascimento). Citou, entre outros, o livro de Marchetti-Ferrante *Antonio da Lisbona, il Santo di Padova*, e referiu depois variadas obras literárias e artísticas, também de autores estrangeiros, em que é mencionada e até enaltecida a cidade natal do Santo, entre as quais sobressai a entusiástica saudação a Lisboa de Bonifácio da Luri, em livro impresso em Ravena no ano de 1792. A própria Pádua aprecia e divulga estudos antonianos portugueses, tendo até editado, em bela versão italiana, o notabilíssimo estudo de José de Sousa Monteiro, *Santo António de Lisboa*, publicado em 1895 — obra hoje de raros conhecida no nosso País, mas cujo valor, decorridas algumas décadas, foi descoberto e devidamente apreciado por estrangeiros... Este facto motivou algumas considerações do conferencista, que aludiu à brilhante e variada produção literária daquele homem de letras, senhor de admirável cultura humanista, mas vítima, mesmo em vida, da fatalidade que pesa sobre tantos autores cuja obra nunca chega a impor-se...

Rematou o orador as suas considerações preliminares, citando o inspirado soneto de Alberto de Oliveira *A Santo António de Lisboa em Pádua*.



Iniciando o desenvolvimento do tema da conferência, apresentou dois grupos de actividades indispensáveis para louvar o querido Santo lisboeta: *a)* Estudar a sua figura e obra mediante trabalhos de erudição; *b)* Procurar que se mantenha o interesse do nosso povo por esse insigne Português e dar primazia ao concernente à sua exaltação perante os estrangeiros que visitem o País.

O primeiro ponto, fundamental, encontra-se em brilhante fase, visto estar já passada à nossa linguagem a parte autêntica da produção literária de Santo António (versão do erudito Franciscano Rev. P.^o Henrique Pinto

Rema, a publicar por uma editorial portuense), passo de enorme importância quanto aos estudos antonianos portugueses. Tem de reconhecer-se que a pobreza de obras desta natureza — não em número mas em valor —, notada entre nós, tem sido a pouco e pouco diminuída, mercê do esforço de ilustres investigadores. Lembrou o conferencista vários deles, além de Sousa Monteiro que já citara: Doutor António de Vasconcelos, P.^o Manuel Alves Correia, Doutor Joaquim de Carvalho, P.^o Fernando Félix Lopes, etc., e aludiu ao movimento de interesse pela personalidade, obra e época do Santo, manifestado em centros universitários de Portugal, expresso na apresentação de duas teses, uma na Faculdade de Letras de Coimbra, outra na de Lisboa, e na realização, acabada de efectuar-se nesta última, de um pequeno curso do mesmo objectivo. Que tal movimento continue deve ser aspiração dos que prezam a alta cultura do nosso meio, pois não basta divulgar, falando da erudição do famoso pregador lusitano e da excelência do meio em que a adquiriu: do que se carece é de sólidos estudos, de quem doravante se lhes dedique e tenha a preparação necessária para esse alto empreendimento.

A importância destes problemas tem sido mencionada várias vezes pelo orador, designadamente na conferência que, em 1935, proferiu nos Paços do Concelho de Lisboa, na qual afirmou que contribuir para plenamente demonstrar a superior mentalidade e a profunda ilustração do primeiro Português que logrou impor em terras estranhas o seu nome, e de maneira tão avassaladora que é hoje o vulto mais universalmente celebrado do agiológico, é honrar a Pátria, provando a excelência do nível intelectual de Portugal, que nessas longuínquas épocas soube formar em centros afamados, Lisboa e sobretudo Coimbra, tão culto espírito. Escritores insuspeitos quanto à sua orientação perante a Igreja (como, entre outros Silva Pinto e Aquilino Ribeiro) têm focado, a propósito da peregrina figura de Santo António, estes dois problemas: a necessidade de arrancar ao âmbito restrito da apoteose erguida por um só sector do pensamento os homens que são lustre da Pátria e a importância de irrefutavelmente se demonstrar ter sido a cultura do mais popular ornamento da religião seráfica conquistada em Portugal.

Que aos numerosos estudos publicados no estrangeiro, em particular os dados à estampa por motivo da elevação do nosso insigne patricio à categoria de Doutor da Igreja (o 29.^o), se juntem outros, igualmente profundos, de autores portugueses — eis o melhor voto que podem formular quantos prezam a dignidade da Nação.

Homenagens de outra índole podem, também, ser prestadas a Santo António. Assim, terá de procurar-se que se mantenha o interesse do nosso povo por essa figura que lhe é tão querida — cujo culto, há já vinte anos, disse um jornalista achar em franca decadência... Não deixemos estiolar o que é genuinamente nosso: e Santo António não poderá ser apresentado como expressiva personificação do sentimento português? A ideia não é original, porque Guerra Junqueiro a defendeu, de maneira tão singular que o orador considerou interessante relatá-la, socorrendo-se da narrativa que dela fez, em hoje esquecido artigo de um diário da capital, o falecido escritor Dr. João de Barros; nunca chegava a doce alegria das festas dos santos populares — essa alegria que de cor, ritmo e entusiasmo sempre moços, engrinalda o mês de Junho —, que não recordasse o sugestivo episódio. Pedira-lhe o escritor grego Costas Outanis que o apresentasse ao grande poeta de *Os Simples*, então residente no Porto. Encontraram-no doente, enfraquecido, mas ainda irradiante de génio, de inteligência e de subtil ironia. Durante três horas, os dois visitantes escutaram, deslumbrados, os seus conceitos e paradoxos, sobre arte, literatura, ciência, moral e política. Por fim, Outanis trouxe à baila a eterna pergunta a respeito das nossas semelhanças ou dissemelhanças com o povo vizinho. Junqueiro saiu da sala onde os recebera e levou-os a um vasto aposento, pouco mobilado, ao centro do qual havia uma imensa mesa, brilhante de verniz, e, contra uma das paredes, um lindo contador de pau preto, primorosamente esculpido. Em cima da mesa — uma estatueta, de madeira, de Santo Inácio de Loiola; sobre o contador — um barro colorido, reproduzindo a figura de Santo António. Junqueiro, cofiando a barba, olhou demoradamente os dois escritores, apresentou-lhes as figuras, e depois explicou: Esta mesa é o planalto de Castela, seco, liso, refulgente de sol, despido de sombras. Inácio de Loiola, concentrado, de aspecto severo, é o símbolo da Espanha. «Agora vejam o nosso Santo António. Descansa no contador amável, em cujas colunatas se enrosca o liame terno das vides. Tem a face rosada, a boca em flor, e nos braços um jeito de abraços. Atrai, chama, convida. É um amigo fraternal, não um juiz. Não repele os pecadores — tentará redimi-los pelo conselho e pelo perdão. Suavidade, lirismo, carinho — o próprio coração, a própria essência de Portugal...» Assim falou Junqueiro, e ninguém certamente — como salientou João de Barros — recusará certa verdade à sua viva e fulgurante síntese.



*Santo António, havendo descido o vale que tem o seu nome, embarca
para África (Marrocos) cerca de Santa Apolónia*

(Painel de azulejos existente na capela de Nossa Se-
nhora da Assunção e Santo António do Vale)

Não descuremos a parte basilar, nobre, da admiração devida ao Santo de Lisboa e Pádua, isto é, a exaltação do que mais elevado se nos depara na sua vida e na sua obra; mas não extingamos, na alma do nosso povo, essa chama de ingenuidade que é, afinal, também prova de profunda afeição...



Na última parte da conferência, foi exposta a necessidade de se estabelecer um *roteiro turístico antoniano*. O orador lembrou não ser a primeira vez que o assunto era tratado, pois o ilustre jornalista e escritor Sr. Augusto Pinto proferiu, em 1942, nos Paços do Concelho, uma interessante conferência acerca de *O Valor Turístico de Santo António*. As ideias nela expendidas — disse — têm de ser revistas e completadas, como é natural decorrido já assaz longo período.

Dissertou amplamente o conferencista sobre este importante tema, detendo-se em especial sobre a necessidade de se constituir em Lisboa um museu antoniano e de se elevar, também na capital, um monumento ao Santo lusitano (apresentando as soluções que se lhe antolham mais indicadas), e de incluir Mafra (além de Coimbra) no sobredito roteiro, o que até ao presente não fora lembrado.

Possuímos em Mafra o maior monumento antoniano do mundo e isso constitui o que pode, sem exagero, denominar-se um dos grandes trunfos turísticos de Portugal. Levar a Mafra os estrangeiros que nos visitam, é excelente; mas mais importante será indicar-lhes que o famoso conjunto «basílica-convento-palácio» foi erguido em honra de Santo António de Lisboa, conjunto muito mais grandioso do que a célebre Basílica de Pádua. Este monumento italiano é, incontestavelmente, de grande interesse, mas — será conveniente não o esquecer — impõe-se mais pelo valor das obras que encerra do que pela beleza arquitectónica da vastíssima igreja e anexos. «Ir a Pádua dá emoções fortes e, também, uma ou outra desilusão. Não é grácil a mole do templo. Pádua tem o seu quê de belo e notas muito discordantes» — escreveu Fr. Diogo Crespo. «Para que hei-de mentir e dizer que esta Basílica me encanta? [...] Sinto também que, para um português, a Basílica de Pádua representa de alguma sorte um monumento também nosso. Mas nenhuma destas considerações pode influir na minha sensibilidade para que eu inclua a Basílica paduana entre os monumentos mais belos e queridos» — disse Afonso Lopes Vieira.

Ocupou-se ainda o conferencista desenvolvidamente do grande monumento de Mafra e defendeu a opinião de que o voto de D. João V de

erigir uma basílica em honra de Santo António de Lisboa teve significado mais lato do que é usual dar-lhe, pois foi verdadeiramente nacional. Mafra, às portas de Lisboa, poderá em íntima colaboração com a cidade que foi berço do grande Santo, desempenhar papel relevante no turismo antoniano: é um grande valor com que terá sempre de contar-se, sobretudo quando atendidas as justas aspirações já enunciadas pela notável vila e outras que as exigências sempre crescentes da complexa indústria turística vão indicando.

Também aos estrangeiros, que nos não visitem, poderiam ser apresentadas obras de arte antonianas portuguesas. A ideia, aliás, não é nova, visto que, em 1955, por ocasião do XII Congresso das Cidades e dos Poderes Locais e do Congresso das Capitais, efectuados em Roma, houve o propósito de se organizar uma exposição nacional com esse objectivo, o que não chegou a ser levado a efeito. Não poderia a Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa realizar, em oportunidade que viesse a ser dada por alguma manifestação de intercâmbio com municipalidades estrangeiras, sobretudo italianas, o projecto então abandonado?

Ao concluir, o conferencista voltou a referir-se ao culto na Basílica de Pádua, tão impressionante para os Portugueses que a visitam, dizendo que as reservas que fizera à arquitectura do célebre monumento eram independentes da profunda emoção que causa o fervor dos inúmeros crentes que oram ao *Santo de todo o Mundo*. Espectáculo inesquecível esse, de tão contínua e devotada homenagem a um Português!

Lopes Vieira traduziu essa emoção em versos admiráveis, de que o conferencista recordou os seguintes:

Na Basílica, em Pádua, é que eu senti um dia
como a tua alma, ó Santo, revivia
na penumbra do templo e na aflição do mundo:
vi os aflitos, vi os desgraçados,
os cansados dos caminhos vãos,
virem com um pedido íntimo e profundo,
porem no teu sepulcro ansiadas mãos...

Então, na comoção da saudade natal
da nossa terra bem-amada e ausente,
pús aí também a minha mão tremente
pensando em Portugal...

Santo António dos Dembos, em Angola

pelo Coronel J. R. DA COSTA JÚNIOR

«**P**ENSO que Deus destinou Lisboa a ser capital dum Império Cristão e, por isso, lhe concedeu o privilégio de ponto de irradiação da Fé Cristã pelos cinco continentes. Esta irradiação começou pela acção que Santo António de Lisboa foi desenvolver com a sua pregação em Itália. Para o Continente Africano foi levada a devoção ao mesmo Santo, cujo nome foi dado a uma povoação da margem esquerda do rio Zaire e a duas banzas e um forte da região dos Dembos, na Província de Angola, citada nas notícias sobre o terrorismo que ensanguentou e devasta o norte da mesma Província».

Refere-se, a seguir, o conferente, ao citado terrorismo que teve início em Luanda na madrugada de 4 de Fevereiro do corrente ano e apresentou um testemunho vivo da ferocidade dos terroristas, o guarda de polícia Cândido Barbosa de Sales que, na defesa da Emissora daquela cidade, recebeu vários golpes de catana, um dos quais lhe deixou enorme gilvaz na cabeça de que resultou ficar sem fala cerca de um mês e paralítico do braço direito.

Toda a assistência aclamou o grande ferido.

Depois de mostrar numa carta de Angola a parte invadida pelos terroristas, que não é superior a 12 % de 1 260 000 quilómetros da Província e a situação da região dos Dembos, o senhor Coronel Costa Júnior explicou que existiam duas regiões dos Dembos: uma, ao norte do rio Dande, denominada dos Maungos, ligando com as terras dos Sossos, Muzombos, Muchicongos e Mussurongos, e a dos Dembos que designou de Santo António, entre os rios Dande, Bengo ou Zenra, e Lombige, e disse mais que: «Os Dembos de Santo António ocupavam um território duns 6 500 quilómetros

quadrados, com 160 quilómetros na sua maior extensão, a partir dumas duas dezenas de quilómetros a leste de Luanda».

Como os Dembos Maungos e o Congo, os Dembos do sul são um país tropical, caracterizado por montanhas de 600 a 1500 metros de altitude, vales profundos, muitas linhas de água, planícies alagadas e uma vegetação exuberantíssima em que há árvores de 60 e 70 metros de altura entrelaçadas de trepadeiras, matos de cafêzeiros e onde o capim atinge 2 metros de altura.

É pois, a região dos Dembos, fácil de defender e difícil de atacar. Terra muito própria para a produção de algodão, borracha e café magnífico, era, no tempo a que se refere a exposição que segue, habitada por umas 60 000 almas, o que dava 7 habitantes por quilómetro quadrado.

O povo desta tribo possuía instintos belicosos sendo quase permanentes as guerras entre os dembados. Nos intervalos das guerras, os homens caçavam, pescavam ou entregavam-se à ociosidade.

As mulheres é que tinham a seu cargo os trabalhos pesados, incluindo as culturas de milho, feijão e mandioca, para a alimentação de todos.

Porque tais trabalhos enfraqueciam o leite das mães, era grande a mortalidade infantil e também era grande a mortalidade geral, por virtude do alcoolismo, feitiçaria, fomes periódicas, guerras e doenças, incluindo a do sono pois no país abundava a mosca tzé-tzé.

Vivia o povo dos Dembos, sob o regime despótico dos Dembos, potentados que se consideravam fidalgos da árvore genealógica do rei do Congo. Cada Dembo era auxiliado, no governo do dembado, pelos *macotas* seus ministros e também eleitores.

«Os Dembos adoptavam nomes portuguezes precedidos do título nobiliárquico D., como os fidalgos portuguezes e assim um de Caculo Caenda se chamava D. João Miguel Sebastião Xequê.

Usavam a escrita em português, a cargo de escribas, e empregavam sinete e carimbo, com dizeres em português, de que se encontram fascsimiles no museu da Sociedade de Geografia de Lisboa, como este: *Dembo Caculo Caenda — Banza Santo António*. O Dembo de Quibaxe usava *Banza Lisboa* e o Cazuangongo, *Banza Santo António de Lisboa*.

O povo dos Dembos tinha organização militar com os seus sargentos e era mestre na táctica de emboscadas encoberto pela vegetação».

«Diz a história dos Dembos que já em 1615, o governador Cerveira Pereira e, em 1649, Salvador Correia de Sá, tiveram de submeter os Dembos

e houve necessidade de os castigar, em 1665 por Vidal de Negreiros e, em 1692, por Pascoal Rodrigues.

Mas houve, com os Dembos, grandes períodos de paz e mesmo anos em que auxiliaram os Governadores em guerras com outros povos.

Já em 1651, haviam consentido que os frades capuchinhos entrassem na sua região, para adoçarem a alma do povo e que nela construíssem uma ermida e um hospício.

Estes frades é que devem ter levado para os Dembos o culto de Santo António. Eram tão boas as relações entre o Governo de Angola e os Dembos, a partir principalmente de 1737, que o Governador Rodrigo de Menezes, nesse ano, concedeu carta patente de posse das suas terras ao Caculo Caenda, posse que foi renovada com outra carta patente do Governador Sousa Coutinho em 1765.

Em 1754, haviam os Dembos permitido que fossem realizadas as primeiras explorações de ouro no Lombige.

Em 1793, o Coronel Pinheiro de Lacerda, Comandante do Exército do norte de Angola considerou o Caculo Caenda um dos melhores vassallos e este passou a intitular-se «*O Maior de todos os Dembos*».

A sucessão dos Dembos recebia carta patente do Governador de Angola.

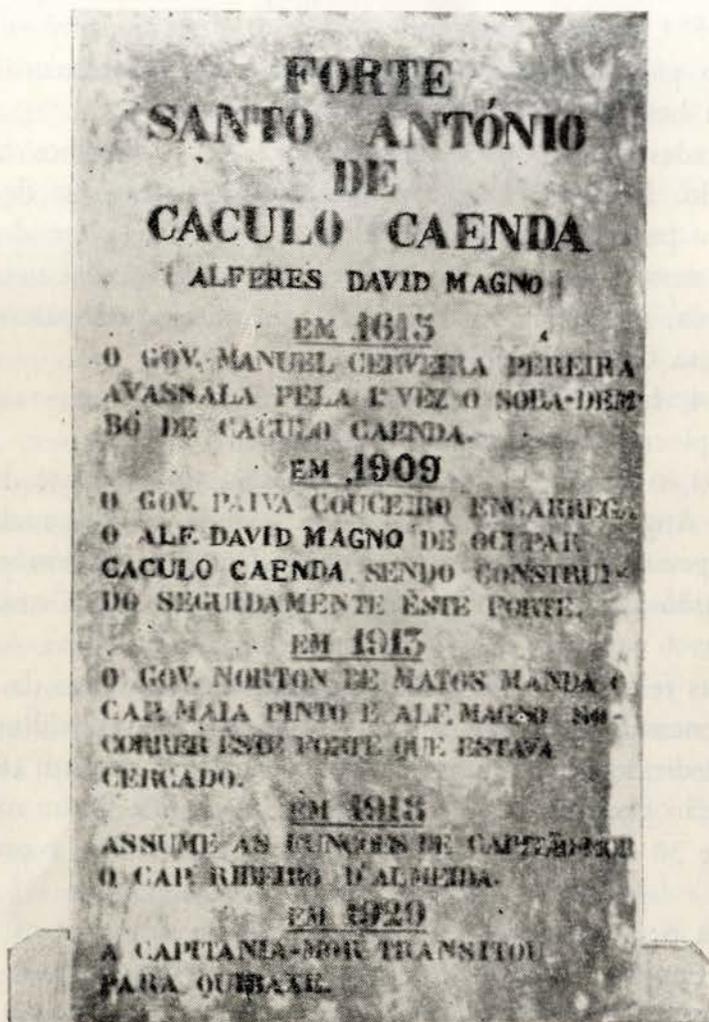
Tão boas relações com os Dembos, animou o Governo da Província, em 1862, a encaminhar para a sua região, vários colonos saídos do Brasil, a fim de se dedicarem às culturas de algodão e café. Porém, em 1872, deu-se uma sublevação geral nos Dembos de Santo António e foram massacrados um tenente e 30 soldados e expulsos todos os fazendeiros e comerciantes europeus.

Resolveu o Governo da Província castigar e submeter os Dembos e enviou lá o Capitão Nunes da Mata com 250 praças que, pelo norte, foi libertar a guarnição de Sassa e combater no Lombige. Tendo em frente um esboço corográfico, o senhor Coronel Costa Júnior ia indicando os itinerários.

Em Calungo juntou-se o Major Pereira Alvino com 7 oficiais e 170 praças e, pouco tempo depois, o Tenente-Coronel Gomes de Almeida com 9 oficiais, 377 praças e 100 auxiliares.

Após tomar o comando de todas as forças, o Tenente-Coronel Almeida realizou a travessia do Zenza, mas teve de combater, sendo feridos o Capitão Mata, um alferes e várias praças.

Seguidamente fez avançar 240 homens que galgaram a montanha do Cazuangongo e conquistaram a *Banza de Santo António de Lisboa*, no dia de S. João desse ano de 1872.



Padrão existente em Caculo Caenda

Após esta conquista, os Dembos de Cazuangongo e de Caculo Caenda pedem a paz, alegando que os seus povos quizeram a guerra, por causa dos abusos da autoridade na cobrança dos dízimos e da exploração desses povos pelos europeus.

O Tenente-Coronel Gomes de Almeida aceitou a proposta de paz, embora essa proposta contivesse a condição de afastar da região dos

Dembos três oficiais da 2.^a linha que *ali vivem só com o fim de extorquir quanto podem aos povos.*

Deste acordo de paz, existe um auto assinado pelos oficiais da coluna e por D. Sebastião e D. Gonçalo, *macotas* do Dembo Caculo Caenda e D. Joaquim *macota* do Cazuangongo, negociadores, que, em nome dos dois poderosos Dembos, prometeram *obediência ao Chefe do Concelho e mais autoridades, proteger o comércio e a agricultura e empregar todos os meios para que as estradas e caminhos públicos fiquem livres de salteadores.*

E a inteligente concessão de paz do Tenente-Coronel Gomes de Almeida, satisfazendo a cláusula apresentada pelos Dembos, fez regressar ao domínio de Portugal as *Banzas Santo António e Santo António de Lisboa.*

Seguiu-se uma paz de 35 anos que permitiu, em 1900, ao naturalista Pereira do Nascimento proceder a estudos na região dos Dembos e, em 1904, ao Capitão Manuel Gomes da Costa, futuro Marechal, atrevessar a mesma região, de Calunga até Encoge.

Porém em 1907, os Dembos não permitiam que os europeus transpusessem os rios Dande e Bengo, para entrarem nas suas terras e era difícil a passagem de Luanda para Ambriz. Além disso, as cercanias das fazendas agrícolas eram coito de serviçais fugidos, criminosos e desertores. O comércio livre de aguardente, armas e pólvora despertara os instintos selvagens daquele povo.

Conta Paiva Couceiro que, de 1905 a 1907, haviam entrado pelas alfândegas de Luanda para venda ao gentio, 43 562 espingardas e 753 885 quilos de pólvora.

O Governador Geral Eduardo Costa encarregou então o Capitão João de Almeida de trazer os Dembos à submissão e à paz.

Este valoroso oficial começou por efectuar um reconhecimento prévio da região, acompanhado apenas dum soldado europeu, a pé, vencendo as maiores dificuldades e escapando milagrosamente da morte, desde Encoge, por Quicondo, Calunga, Quinguengues, até Golungo Alto.

O conferente contou curiosos episódios deste reconhecimento.

Quando João de Almeida regressou a Luanda, falecera o Governador Eduardo Costa. Foi já sob o governo de Paiva Couceiro que ele assumiu o comando duma coluna militar, com 14 oficiais, 580 praças europeias e indígenas, 296 auxiliares e um troço de degredados como sapadores.

Desembarca em Cabiri, combate e deixa um forte em Casal, avança para Negombe Amuquiana, vencendo as dificuldades do caminho e sucessivas emboscadas, toma Pango Aluquem, vai travar feroz combate com

o gentio em Colume onde é gravemente ferido e, depois de alcançar Delegação, aventura-se a subir o morro de Cazuangongo e conquista (pela 2.^a vez) a *Banza Santo António de Lisboa*.

Como o Dembo deixou a *Banza* a arder, João de Almeida ordenou a um soldado que trepasse a uma árvore fronteira à cubata do Dembo e arvorasse a Bandeira de Portugal, no dia 20 de Outubro de 1907. João de Almeida não pôde ir mais longe; ferido e com as suas tropas atacadas de tétano e a época das chuvas em começo, teve de regressar a Luanda e foi governar o Distrito de Huíla, mas não sem deixar construídos, nos Dembos, cinco fortes, entre os quais o de Maravila a que foi dado o seu nome e o de Camabela, que passaram a ser sedes de dois comandos militares.

Paiva Couceiro proibira o comércio de armas e pólvora e, afeiçoado aos indígenas, pretendia substituir a ocupação militar por postos experimentais de ensino agrícola. Com este fim mandou aos Dembos o botânico Gosservaller, ao serviço da Província, a fim de preparar uma plantação de café que servisse de escola agrícola.

Mas o Dembo Caculo Caenda continuava insubmisso.

Paiva Couceiro tinha ouvido a um alferes do seu Quartel General, David Gonçalves Magno, que *a acção militar no sertão deve ser continuada pela diplomacia ou vice-versa, sem o que qualquer das duas isoladas, ficaria perdida*. Nomeou então aquele alferes, comandante militar do Lombige, com sede no Forte de Camabela, em 1909.

Inteligente, denodado, o alferes David Magno, pouco depois de assumir aquele comando, decide-se a conquistar a *Banza Santo António*. Tendo conhecimento de que o Dembo Caculo Caenda, deste sobado, tinha por inimigo outro Dembo, fez crer àquele, que era oportuno ele consentir no levantamento dum forte próximo da sua *banza*, porque mais poderoso ficaria contra os seus inimigos e, assim ele, alferes não ofereceria a construção do forte aos seus adversários.

E, sem dar tempo a que Caculo Caenda reconsiderasse, marchou para a sua *banza* apenas com 44 homens, metade landins e metade degredados, atravessou 10 léguas de floresta e, com os seus homens, votou-se à abertura dos fossos para o forte.

O Dembo ficou desapontado, porque julgava que *banza* de tanta importância seria ocupada por forte coluna militar e os *macotas*, conselheiros do Dembo, condenaram David Magno à morte.

Os degredados pretenderam desertar com medo, mas David Magno conteve-os. A situação era perigosíssima; porém David Magno era afilhado de S.^{to} António e este aparecera-lhe em sonhos, a anima-lo àquela con-

quista considerada inexpugnável para uma força de menos de 200 homens. Continuou a abrir fossos mesmo sob chuva torrencial.

O Caculo Caenda começou por adiar a execução da pena de morte e acabou por entrar em boas relações com David Magno, admirado da sua temeridade.

Em meados de Fevereiro de 1910, estava construído o forte. Era Governador Geral Alves Roçadas que, consultado sobre o nome a dar a esse forte, concedeu o direito de escolher ao destemido Alferes.

David Magno escolheu o nome de seu padrinho, *Santo António*, por gratidão. E esse forte, com o nome *Santo António de Caculo Caenda* foi inaugurado a 22 daquele mês, desfraldando nele, David Magno, a Bandeira de Portugal que se encontra no Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Assistiu à inauguração do forte, a cuja Bandeira foram prestadas honras, com apresentação de armas, marcha de continência pelo corneteiro e 21 tiros de peça, o Dembo, com seus macotas, sobas, sobetas e muito gentio.

David Magno permaneceu nos Dembos até 1912, em boas relações com os potentados, realizando actos civilizadores, como a instalação duma estação postal e criação duma granja agrícola.

Mas havia sido levantada a proibição do comércio de armas e pólvora em 1913 e o Governador Geral Norton de Matos resolveu mandar aos Dembos nova e forte coluna militar, cujo comando confiou ao seu Chefe de Estado Maior, capitão Maia Pinto.

Marchou este oficial, com 11 oficiais incluindo David Magno, já tenente, como Chefe do Estado Maior, 304 praças e 145 auxiliares. Desembarcou em Zenza do Itombo, seguiu por Calunga e Sala Cabamga, combateu e montou um posto em Quidango e alcançou a *Banza Santo António* que estava abandonada pelo Caculo Caenda.

Ali foi arvorada a Bandeira de Portugal e a coluna marchou para Quibaxe onde existia a *Banza Lisboa*, terminando as operações militares. Infelizmente voltou a ocupar o cargo de Capitão-Mor dos Dembos o mesmo indivíduo que, desprezando as lições de David Magno na cobrança dos impostos, veio a originar nova sublevação. Imperioso, aventurou-se a ir exigir o imposto, acompanhado de 66 homens, mas teve de fugir para o forte.

Este mau Capitão-mor foi substituído, mas tarde demais. A sublevação ficara latente e ameaçava agravar-se.

O Chefe do Estado Maior, Coronel Genipro de Almeida, em fins de 1918, resolveu mandar submeter os Dembos, um oficial, que o gentio temia tanto, que o alcunhara de «Quingando» (Jacaré), o Capitão Ribeiro de Almeida.

Este oficial apresenta-se no *Forte de Santo António de Caculo Caenda*, com 115 soldados cuamatos e 35 landins e dispõe-se a bater os insubmissos e a reconquistar a *Banza Santo António de Lisboa*.

Começa por cair sobre Quilombo, levando 150 carregadores cedidos pelo Caculo Caenda; bate o Dembo e instala na sua *Banza* um forte.

Junta-se-lhe o Governador do Distrito, com 3 oficiais, 2 sargentos e 80 praças indígenas e são submetidos os Dembos Golanguimbo, Mussuco e Bango, onde é construído um forte para assegurar o trânsito para Golungo Alto. A coluna dirige-se a seguir para M'Bula Atumba, onde é recebida hostilmente, mas Ribeiro de Almeida destroi a *Banza* e deixa novo posto.

Prosegue por Qindange, Camungo e Sassa, é morto o Dembo Quinbinga e a 1 de Março de 1919, num assalto formidável, atinge a *Banza Santo António de Lisboa* que encontra deserta.

Faz construir ali um forte onde é arvorada a Bandeira de Portugal.

O Cazuangongo apresenta-se e inicia-se uma pacificação que tem perdurado até aos nossos dias, permitindo que tão rica região se enchesse de fazendas agrícolas, concorrendo para o progresso económico de Angola.

Para o início dessa tão proveitosa pacificação, bastante concorreu a proibição dos comércios de aguardente, armas e pólvora, pelo Governador Geral de Angola, e a acção diplomática dos funcionários administrativos.

O senhor Coronel Costa Júnior considerou ainda que a recordar o *Forte Santo António de Caculo Caenda* existem dois marcos históricos: um dentro dos fossos desse forte desaparecido, com 1,70 m de altura, com uma lápide em que se lê: *Forte Santo António de Caculo Caenda* (Alferes David Magno), seguindo-se a história da ocupação de 1615 e 1920; outro em M'Bula Atumba, num monte a 18 quilómetros ao norte de Caculo Caenda, com lápide, em que se lê num lado, *Forte de Santo António de Caculo Caenda* (Alferes David Magno) e, no outro, *Preito dos Funcionários Administrativos* — 1942.

A concluir, o conferente disse:

«Na Memória Biográfica de David Magno, diz o seu autor, referindo-se ao Forte arruinado de *Santo António de Caculo Caenda*: Constitui hoje um dos *Lugares Santos da Pátria*.

Concordo. São *Lugares Santos da Pátria* aqueles onde os seus filhos, depois de trabalhos exaustivos, privações de alimentos, sedes cruciantes, febres deprimentes, higiene reduzida ao mínimo, noites e noites a dormir vestidos e calçados, ofereceram a vida ou o sangue pela ocupação, pacificação e civilização das nossas Províncias Ultramarinas.

Quanto aos Dembos, se perante a ofensiva terrorista que invadiu o norte de Angola, o seu povo se mantém fiel a Portugal na linha que passa pelas *Banzas Santo António de Lisboa* e *Santo António*, referidas, bem merecem denominar-se *Dembos de Santo António*.

NOTA — Em 4 de Julho último, publicou o *Diário de Notícias* um telegrama de Luanda, comunicando que o Dembo Grande de Pango Aluquem, D. Francisco N'Gola, enviara uma proclamação manuscrita ao Administrador dos Dembos, com estes dizeres: «Os povos de N'Gombe Anuquiana, assim como o povo de Cossobo e de Hesso deixaram-se ir atrás dos bandidos contra a bandeira portuguesa. Eu, D. Francisco N'Gola Dembo Grande de Pango Aluquem, resolvemos e informamos toda a gente, com os meus sobas (80) que se encontram junto de mim, informar o senhor Administrador dos Dembos de que quinhentos guerreiros meus e dos meus sobas vão mostrar ao N'Gombe Anuquiano que não é dono do povo».

Ora este Dembo, que tem cerca de 90 anos, deve ser o mesmo que recebeu bem, em 1907, a coluna militar do capitão João de Almeida e em 1918, a do capitão Ribeiro de Almeida.

Actualmente os guerreiros do Dembo de Pango Aluquem combatem os terroristas.



SANTO ANTÓNIO e a Cultura da *IDADE MÉDIA*

•
pelo Rev. Padre
HENRIQUE PINTO REMA

INICIOU o conferencista a sua exposição dizendo que, em meados de Novembro de 1953, lhe foi pedida a tradução das Obras de Santo António. Desconhecendo por completo os escritos do Doutor Evangélico, em lugar de apontar o que merecesse honras de antologia empreendeu pacientemente o ingrato labor da tradução do seu latim medieval. À medida que o trabalho avançava, um Santo António novo, diferente daquele que lhe fora dado conhecer desde os bancos do curso liceal e que a imaginária dos nossos templos apresenta, se lhe foi pegando à alma. A fisionomia do nosso Santo lisboeta surgiu-lhe tão surpreendente que motivou um misto de exaltação e de revolta: de exaltação, pelo que a novidade significa para o homem; de revolta, por a figura excelsa do glorioso Português andar tão afastada do seu autêntico valor humano e histórico.

Nos cursos filosófico e teológico — disse —, os candidatos ao sacerdócio tomam largo contacto com a literatura medieval, lendo e interpretando, nos originais, textos dos mestres desse período. Lembrou a lógica meridiana, mas fria, do autor da *Summa Theologica*; a subtileza, a dificuldade de leitura, ocultando jóias de raro valor só reveladas aos perseverantes e de engenho subtil, de João Duns Escoto; o misticismo calmo e doce de S. Boaventura. Também lera — e ficara encantado — a saborosa,

rica e viva linguagem das *Legendas* de S. Francisco de Tomás de Celano. Agora, a locução antoniana apresentava-se-lhe muito nova, muito longe de qualquer literatura lida anteriormente, se exceptuar um pouco o estilo bonaventuriano, que muito se compraz também em verificar as conclusões teológicas com textos escriturísticos à vista. Em páginas fulgurantes dos *Sermões* antonianos pôde verificar uma abertura de alma invulgar, que o deixou espasmado. Apenas em Santo António vira utilizar a ciência profana da época com pleno à-vontade; também pela primeira vez se lhe puseram os problemas sociais da Idade Média — desigualdades de fortuna, simonia eclesiástica, usura...

Após várias considerações, o orador apresentou o tema das três questões fundamentais da conferência: *a)* Onde e o que estudou Santo António; *b)* Como viveu e se utilizou dessa bagagem literária e científica; *c)* Quais os reflexos da sua doutrinação, pela palavra e por escrito, na Idade Média e nos séculos futuros? Procuraria dar — acentuou — uma resposta clara quanto possível a estas interrogações: resposta sucinta, fundamentada em bons autores, especialistas no assunto.

★

O III Concílio de Latrão (1179), o nono Ecuménico, reunido por Alexandre III—aquele Papa que nos reconheceu definitivamente como nação independente —, exigiu que as paróquias, os mosteiros e as catedrais (o que até à data muitos já faziam por livre iniciativa) mantivessem escolas onde todas as classes sociais recebessem em comum instrução rudimentar, fundada mais no ouvido do que na leitura. O nosso Fernando, tal era o nome de baptismo do futuro Santo António, frequentou a escola catedrática da Sé de Lisboa, que ao tempo ministrava aula de Gramática e de Artes, e ali aprendeu as primeiras letras e rudimentos de humanidades. Teria uns quinze anos quando virou costas ao



Escultura de madeira existente na Igreja de S. Francisco (Lamego): Santo António com vestes doutorais

mundo e se foi recolher no mosteiro de S. Vicente de Fora, da Ordem de Santo Agostinho, às portas da Lisboa do dealbar do século XIII, claustro que fora generosa dádiva, em 1147, do nosso primeiro rei ao reformador dos cônegos regrantes.

O jovem noviço sentiu bem depressa ânsias de mais e de melhor. S. Vicente de Fora não era bastante para a grandeza da sua alma. Dois anos volvidos, pede e consegue autorização de transferência para o famoso mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, pertença da mesma Ordem, também este doação de D. Afonso Henriques ao reformador D. Telo, em 1131, tendo sido a primeira pedra, depois de benzida, lançada pelo rei em pessoa nos fundamentos, em 28 de Junho de 1132. Ao arcediogo da Sé de Coimbra D. Telo junta-se imediatamente o conhecido D. João Peculiar, que de cônego e mestre-escola da Sé de Coimbra ascende a bispo do Porto e de Braga, com notável interferência na vida política portuguesa. Vieram depois D. Honório, D. Sesnando e outros. Quando já eram onze, D. Teotónio — futuro santo canonizado pelo concílio provincial de 18 de Fevereiro de 1163, reunido por D. João Peculiar em Coimbra — ingressa no núcleo e nomeiam-no primeiro prior do novo mosteiro, ao qual dá nome pelas suas virtudes e saber. Os monges foram subindo de número, e a fama acompanhou-os de tal forma que, em 14 de Setembro de 1191, doou D. Sancho I ao mosteiro de Santa Cruz quatrocentos morabitinos anuais da sua fazenda, «para manutenção dos cônegos do dito mosteiro que estudam em as partes da França» (Fortunato de Almeida, *Hist. da Igreja em Portugal*).

Os mestres de Santa Cruz trouxeram naturalmente de Paris, o maior centro cultural da Europa medieval, uma formação verdadeiramente científica e muitos livros, que enriqueceram a livraria monástica, «instrumento de estudos regulares, sede de uma pequena academia sábia», no pensamento do Prof. Joaquim de Carvalho.

Foi neste ambiente de estudo e oração, e também de trabalho manual na cerca do mosteiro, que decorreram os largos anos da formação do futuro Doutor da Igreja. Os dez anos de educação agostiniana deram a Santo António forte cultura religiosa e científica, como nota Agostinho Gemelli na sua notabilíssima obra *Il Francescanesimo*. Lá abarcou todo o saber dos antigos, segundo testemunho de S. Boaventura, e o catálogo da livraria do mosteiro o confirma. Ali não faltavam os Santos Padres, com Santo Agostinho em lugar de honra, os enciclopedistas do tempo, como Santo Isidoro de Sevilha, Capela, os dicionários de Papias e de Hugúcio Pisano, então vulgares nas casas religiosas, e que traziam as

etimologias, tão queridas ao nosso Doutor Evangélico, para efeitos literários.

Após larga e erudita divagação sobre a influência do mosteiro de Santa Cruz no nosso meio, o conferencista formulou a pergunta seguinte: O vasto arsenal da sua obra reflectirá o ensino recebido dos mestres parisienses daquele mosteiro? Disse estar sinceramente convencido de tal influência. A vida agitada que o Santo levou depois de ter abraçado a vida franciscana não lhe terá permitido grandes aperfeiçoamentos científico-filosóficos, apesar do seu leitorado de Teologia, que o próprio S. Francisco de Assis lhe confiou. Parece-nos natural — continuou o orador — que, ao redigir os *Sermões*, Frei António tivesse à mão algumas das obras que cita, dada a extensão das tiradas e o facto de serem à letra, como sucede numa página que contém as *Sentenças* de Pedro Lombardo, mestre de todas as escolas teológicas coevas; mas, com certeza, não poderia rebuscar essas obras se não tivesse informação anterior da sua existência e, até certo ponto, do seu conteúdo. Não restam dúvidas, segundo testemunho das *Legendas*, da ciência e da cultura adquirida em Portugal pelo famoso Franciscano e por ele espalhadas, às mãos cheias e generosamente, pelas almas famintas de verdade da Itália e do Sul da França...

Depois de salientar que o futuro Santo não se fez frade menor para se enterrar numa cela, mas para missionar, o orador evocou a revelação do valor da oratória autoniana em Forli e a acção do nosso Doutor no professorado, em primeiro lugar, em Bolonha, onde foi chamado *Pater Scientiae* e *Doctor Veritatis* e inaugurou uma escola de Teologia (1223), destinada aos frades, mas que teve reflexos na escola teológica universitária dessa cidade. Em Tolosa e Mompilher ensinou também, e talvez em outras cidades, indicadas igualmente como tendo sido teatro do magistério de Santo António, embora faltem argumentos sérios e válidos para o afirmar. Não obstante ter exercido cargos de responsabilidade, após o seu regresso a Itália pouco depois de morte do *Poverello*, ocorrida em 4 de Outubro de 1226, continuou a dedicar-se, com estrondoso sucesso, à sua ocupação favorita, a pregação, patenteando sempre o altíssimo valor da sua personalidade e a excelência dos centros de cultura de Portugal.



A doutrina antoniana, através das suas novidades, prendeu seguidamente a atenção do conferencista, que frisou como reflexo da alta influência da mesma o facto de Gregório IX ter saudado, em 30 de Maio de 1232,

o então novo Santo com a antífona dos Doutores da Igreja, e de nos missais dos séculos XIII, XIV e XV, destinados tanto ao clero regular como ao secular, a missa em honra de Santo António ser a dos Doutores. Também os Breviários, Martirológios e a própria iconografia (o livro na mão ou ao lado) manifestam a eminência da doutrina de Santo António. A propósito, fez referência a uma antiga escultura de madeira, pertença da Igreja de S. Francisco, de Lamego, em que Santo António é representado não com o seu capelo de franciscano, mas com o capelo de doutor, além de segurar com a mão esquerda um livro.

Passados sete séculos, Pio XII uniu a sua voz à de Gregório IX, no Breve *Exulta, Lusitania felix*, declarando Santo António «Doutor da Igreja», o 29.º da respectiva série, e consagrando o seu saber com estas palavras: «Quem percorrer atentamente os *Sermões* do paduano descobre imediatamente o peritíssimo exegeta no interpretar as Sagradas Escrituras, o exímio teólogo em elucidar as verdades dogmáticas e o insigne doutor e mestre ao tratar as matérias de ascética e mística». Outros testemunhos de autores eminentes foram lembrados pelo orador, que acrescentou: «Só consegue avançar quem está ao par da ciência da época. Não restam quaisquer dúvidas da enciclopédica cultura do Santo lusitano, mostrando-se precursor de muitas coisas, tanto através do que realizou como através do que escreveu. Esperemos que, dentro de anos, Santo António comece a empareilhar ao lado dos grandes da «aurea aetas» da escolástica — que se costuma iniciar precisamente no ano em que morreu o nosso Doutor, com o professorado de Alexandre de Hales, em Paris.

A par destas encomiásticas referências, deparou-se-nos o silêncio de alguns dos nossos contemporâneos a respeito da doutrina antoniana, sendo de admirar o facto de que dificilmente se poderá encontrar, entre os escolásticos, um Doutor de que os coevos tenham exaltado com tanta ênfase a ciência e a pregação. Não faltaram mesmo teólogos a estranhar a sobredita decisão do Santo Pontífice Pio XII. Qual o motivo? Eis a resposta de Carlos Balic: «Não há dúvida de que a fonte, a causa principal deste desacordo está no facto de que os contemporâneos do Santo tinham diante dos olhos o seu ensino, as suas disputas com os hereges e todo o complexo do apostolado antoniano, enquanto que a nós apenas chegou uma obra intitulada *Sermones Dominicales et in Solemnitatibus*, a qual não apresenta nem o texto das lições antonianas, nem as suas disputas, nem as suas pregações, mas tão somente um acervo de pensamentos antonianos compilados para utilidade dos ministros da palavra de Deus.

Todavia, não se pode negar que António revele mesmo nesta obra todos os dotes de um doutor escolástico».

Santo António de Lisboa pode também ser considerado, a justo título, como o primeiro missionário português, precursor da epopeia do Infante. Foi missionário não só da palavra de Deus, mas também missionário do nome de Portugal.

Disse depois o orador: «Se no estrangeiro, sobretudo na Itália e na França, tanto se gloriam da doutrina e obra de Santo António, por que havemos nós Portugueses, que lhe demos o berço e a cultura, ficar indiferentes, de braços cruzados, perante a sua gigantesca figura?». Comemorações, artigos na imprensa em 13 de Junho, etc.: tudo isso é óptimo, mas urge ir mais além.

E concluiu: «Graças a Deus e ao nosso querido Santo, estão encaminhados importantes estudos sobre o Doutor Evangélico, que devem começar a aparecer no próximo ano. Projecta-se obra monumental, no sentido artístico, gráfico e também de conteúdo, que sairá a par da tradução portuguesa, anotada, das *Obras Completas* do Taumaturgo. Todos quanto trabalham nessa obra esperam que ela constitua magnífica homenagem dos Portugueses à inteligência do Santo e à cultura do Portugal ainda a entrar na independência».



ACTIVIDADE CULTURAL

do Último Trimestre

O trimestre, começado em Julho, teve como primeira actividade cultural a visita às novas instalações do Ateneu Comercial de Lisboa instalado no antigo Palácio Burnay, às Portas de Santo Antão. A visita que reuniu cerca de 200 pessoas foi orientada pelos Directores do Ateneu, Srs. Dr. Américo Marinho, Jorge Rebelo e Fernando Cunha que foram amabilíssimos para os visitantes, estes acompanhados pelos Directores do Grupo Srs. Eng. Júlio Eduardo dos Santos e Fernando Dias Pereira. De tudo, avulta a visita à nova piscina recentemente inaugurada e uma demonstração de jogo de pau pelo consagrado mestre Domingos Miguel e seus discípulos.

Esta visita realizou-se no dia 9 de Julho.

A 20 do mesmo mês realizou-se a 37.^a sessão de «Colóquios Olisiponenses», tendo o nosso Director Sr. Alfredo Ferreira do Nascimento feito uma comunicação sobre *As Linhas de Torres na defesa de Lisboa*, como preparação para a visita a realizar em breve; o nosso Director Sr. Fernando Dias Pereira que falou sobre *Achega para a história de uma rua*, em que dissertou sobre a rua Luísa Todi, comunicação que em resumo se publica neste número; e o Vice-Presidente da Assembleia Geral Sr. Teodoro Lopes Ramos que, sob o título *Ronda Evocativa através de um quarto de século*, fez a história dos dirigentes e fundadores falecidos do nosso Grupo. Ao «Colóquio» presidiu o Secretário Geral.

A 22 de Julho — data da aprovação pelo Governo Civil de Lisboa dos nossos primeiros Estatutos — reuniram-se em almoço de confraternização, na Quinta de S. Vicente, em Telheiras, cerca de uma centena de sócios e suas famílias que, em alegre convívio, comemoraram o XXV aniversário do Grupo. O almoço foi presidido pelo Presidente da Assembleia Geral Sr. Prof. Doutor Raul de Carvalho que usou da palavra bem como o Vice-Presidente da Junta Directiva,



A assistência ao almoço do 25.º aniversário

Sr. Dr. Álvaro do Amaral Barata, além do Secretário-Geral e do Vice-Presidente da Assembleia Geral, Sr. Teodoro Lopes Ramos, que leu o soneto da sua autoria, que junto se publica. Ao almoço assistiram além dos Directores já referidos, muitos deles acompanhados de suas esposas, os Srs. Dr. Alberto Gomes, Coronel Afra Nozes, Eng. Júlio Eduardo dos Santos, Hugo Raposo, Fernando Dias Pereira e o Presidente do Conselho Fiscal Sr. Mário Costa. No fim do almoço foi visitada a Quinta, a respectiva capela, que tem um fresco com as armas de Lisboa, e a Igreja do Convento de Nossa Senhora das Portas do Céu onde esteve sepultado o Príncipe Negro, cujas pedras tumulares estão actualmente nos Arqueólogos.

A 23, em três autocarros e alguns automóveis, cerca de 200 sócios e suas famílias deslocaram-se em visita às linhas de defesa de Lisboa — as Linhas de Torres — a Runa, Cucos, Torres Vedras e Varatojo.

À ida seguiu-se o itinerário Arruda, Sobral, Runa e Cucos, para assim se ir flanqueando o trajecto das Fortificações das antigas linhas. Foram recebidos em Runa pelo Comandante e oficiais do Asilo dos Inválidos Militares e em Torres pelos Srs. Presidente da Câmara Municipal e Presidente da Comissão de Turismo que, gentilmente, os acompanharam em toda a visita, e no Convento do Varatojo pelo respectivo Superior. Foi distribuída a cada um dos visitantes uma pequena monografia sobre os locais visitados, editada pelo Grupo e



Os visitantes em Alfama

de cuja compilação se encarregou o nosso Director Sr. Ferreira do Nascimento. No Forte de S. Vicente, recentemente reconstruído pela engenharia militar, os visitantes ouviram explicações técnicas e históricas dos nossos consócios Srs. General Pereira do Vale, Brigadeiro Esteves Pereira e Alfredo Ferreira do Nascimento. O almoço realizou-se nas Termas dos Cucos, que também foram visitadas.

A 27, realizou-se uma visita de estudo ao bairro de Alfama, ultimamente melhorado e reintegrado por técnicos camarários. Aos visitantes foi distribuída uma planta de Alfama, editada pela Câmara Municipal de Lisboa, marcando o itinerário turístico, agora alindado. O 1.º oficial Sr. Ângelo Fernandes em nome e como enviado da Comissão dos Melhoramentos na Alfama, a que preside operosa e eficientemente o nosso consócio Sr. Aníbal David, ilustre Vice-Presidente da Câmara, deu explicações sobre as obras realizadas e fez exhibir fotografias ampliadas dos locais visitados, antes das obras agora realizadas. Esta visita, que despertou grande interesse, reuniu mais de uma centena de sócios e foi acompanhada pelos Directores do Grupo Srs. Drs. Eduardo Neves e Alberto Gomes, Eng. Júlio Eduardo dos Santos e Alfredo Ferreira do Nascimento.

Em Agosto, terminou a actividade cultural do Grupo, antes de férias, com a visita cultural — há muito e por muitos solicitada — ao Museu de Arte da Casa dos Patudos, em Alpiarça, antiga residência de José Relvas. Em dois autocarros e alguns automóveis os «Amigos de Lisboa», depois de terem almoçado no Hotel Central, em Santarém, visitaram detidamente o interessante museu admirando as suas numerosas e notáveis obras de arte. Os Directores Srs. Eng. Júlio Eduardo dos Santos, Fernando Dias Pereira e Alfredo Ferreira do Nascimento orientaram a visita, que a todos encantou. A ida e o regresso fez-se, como na visita a Torres, pela nova auto estrada Lisboa-Vila Franca, que assim os «Amigos» visitaram também.

Para a actividade após férias estão-se ultimando as diligências para o concerto de órgão em S. Vicente de Fora, com o concurso de um grupo coral; e bem assim para a colocação, no edifício do Convento dos Marianos, de uma lápida comemorativa de lá ter estado sepultado Salvador Correia de Sá e Benevides, o heróico reconquistador de Angola. Essa actividade recomeçará em Novembro próximo.

E. N.

PRÉDICA OLISIPONENSE

Ao Ex.^{mo} Sr. Doutor

EDUARDO AUGUSTO DA SILVA NEVES

Ilustre Secretário-Geral do Grupo «Amigos de Lisboa»

«AMIGOS DE LISBOA» — Vossa Cidade
Que é «Do Mundo fàcilmente Princesa»
Com manto de colinas (que a embeleza)
e Castelo d'altiva magestade,

Bem vos merece a todos a vontade
De manterem acérrima defesa
Da velha capital portuguesa
Que vislumbra eterna mocidade.

A força do destino vos reuniu,
Com ideias firmes e certo brio,
De na antiga «Olisipo» enaltecer

Monumentos, usanças, tradições,
Para sempre (em futuras gerações)
Lisboa inda mais engrandecer.

Junho de 1961

TEODORO LOPES RAMOS

A PROPÓSITO DO XXV ANIVERSÁRIO DO GRUPO

Felicitações e Ofertas

COMEMORANDO a passagem, neste ano, do 25.º aniversário da fundação do Grupo «Amigos de Lisboa» foram feitas ao Grupo várias ofertas, como já se publicou; o nosso Vice-Presidente da Assembleia Geral, Sr. Teodoro Lopes Ramos, logo no acto de posse dos novos corpos gerentes ofereceu as seis obras que já vieram referidas a pág. 98 do número 94 do *Olisipo*, em que também se aludiu à oferta do Sr. Ministro Dr. Amadeu Ferreira de Almeida; depois foram entregues na Sede mais as seguintes:

Do nosso sócio n.º 2625, Sr. António da Fonseca Borges:

- 1 exemplar do *Diário de Notícias* no Centenário da Índia. Número especial — 1898.
- 1 exemplar de «A Capela de S. João Baptista na Igreja de S. Roque da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa» — Lisboa, 1893.
- Uma fotografia do Dr. Leão d'Oliveira, com dedicatória manuscrita datada de 1892.
- Uma fotografia de Júlio César Machado, com dedicatória manuscrita.
- Uma fotografia de Anselmo de Sousa Botelho.

Do nosso antigo consócio Sr. Carlos César dos Santos Gonçalves, as seguintes obras:

- Roteiro das Ruas de Lisboa*, por Queiroz Veloso, 2.ª ed. — Lisboa, 1869.
- Almanach do Sagrado Coração de Jesus*, 3.º ano — Lisboa, 1891.
- Pettite Guide de Lisbonne* — 1924.
- Roteiro facilimo das Ruas de Lisboa* — 1938.
- Almanach Enciclopédico Ilustrado* — 1908.

Idem — 1909.

Almanach Lello — 1932.

Idem — 1933.

Almanach Comercial de Lisboa — 1891.

Almanach do Exército — 1855.

Almanach Ilustrado — 1936.

Almanach Ilustrado do Século — 1909.

Almanach do Mundo — 1908.

Idem — 1912.

1 volume encadernado, cópia manuscrita pelo ofertante de *Cartas e outras Obras Selectas de Marquês de Pombal* — 1833.

Do sócio n.º 2716 Sr. Coronel José Ribeiro da Costa Júnior:

1 mapa desenhado pelo ofertante do norte de Angola.

Do sócio n.º 1250, digno Relator da Comissão de Contas Sr. José Francisco de Oliveira:

Duas colecções de seis selos de correio comemorativos do VII Centenário de Santo António, sendo uma com o carimbo do dia 13 de Junho de 1931, apostas num sobrescrito do ofertante colocado numa moldura com vidro.

Do sócio n.º 3337 Sr. José Coelho da Silva, no dia do almoço comemorativo:

2 meios bilhetes, um de cada série, com o número 42 389 para a lotaria de 28 de Julho de 1961.

A propósito também do nosso aniversário recebemos várias cartas, ofícios e telegramas de felicitações, que se referem por ordem cronológica da sua recepção:

Emissora Nacional; Biblioteca Pública Municipal Pedro Fernandes Tomás da Figueira da Foz; Teodoro Lopes Ramos, Vive-Presidente da Assembleia Geral; António de Jesus Nunes; Joaquim Paço d'Arcos; Francisco José Victorino Gomes; Higino Nunes da Silva; Eng. Gomes da Silva; Eng. Júlio Eduardo dos Santos; Eng. Diogo Sobral; F. A. d'Oliveira Martins; D. Guida Keil; Estefânio de Oliveira Domingues; D. Maria do Carmo Dias Monteiro de Barros; Grémio Nacional dos Editores e Livreiros; Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio; Luís Moita; Prof. H. Houwens Post.



Feira da Ladra

Achega para a História de uma Rua

EM despreziosa palestra a que chamámos «Achega para a História de uma Rua» reportámo-nos a uma indicação contida no livro do Senhor João Paulo Freire *Minudências Lisboetas*, onde refere como moradores célebres da antiga Travessa da Estrela, actual Rua Luísa Todí, além da titular, o Conselheiro Anselmo José Braancamp e o Senhor Doutor Júlio Dantas, precisando, quanto ao último, que habitou «num rés-do-chão à direita de quem sobe».

Foi-nos grato rectificar, completando-a, aquela citação, por ser do nosso conhecimento que o eminente escritor, glória das letras portuguesas, viveu ali pouco antes da implantação da República, mas no 2.º andar do prédio n.º 10.

Outro vulto insigne habitou na mesma rua e ali faleceu com 43 anos de idade em 1 de Junho de 1893, no rés-do-chão do prédio n.º 6, estando o facto assinalado com uma lápide colocada em 1944. Foi Mestre Silva Porto, o grande pintor, sobre quem não encontramos menção no livro referido.

Houve, porém, mais moradores notáveis na mesma rua, cujos nomes, com muito curiosas citações individuais, nos oferece o distinto olisipógrafo Senhor Pastor de Macedo na sua magnífica obra *Lisboa de Lés-a-Lés*.

F. D. P.

O «Chalet das Canas» do Campo Grande

O Campo Grande, muitos anos antes das sucessivas transformações e embelezamentos por que tem passado este concorrido e formosíssimo parque lisboeta, que aos domingos é o passeio predilecto das classes menos abastadas e paraíso das crianças, não era mais do que um matagal votado ao mais lamentável abandono.

Aos lados corriam duas valas com dejectos de todo aquele sítio, valas estas infectas que envenenavam a atmosfera, especialmente nos dias de Verão, devido ao intenso calor, assim como nuvens de moscas enchiam os ares.

O Campo Grande mesmo assim inculto e com tão desagradável vizinhança das valas, era uma coisa belíssima pela sua vastidão e pelo frondoso arvoredado que dava uma ideia de floresta virgem, pois havia sítios em que os troncos das árvores se encontravam tão unidos que impossibilitavam a passagem duma pessoa por magra que fosse. Tinha um comprimento de 1463 metros e era ladeado por duas largas estradas de macadame, construídas no tempo em que o conde de Valbom geria a pasta de Obras Públicas.

Durante muitos anos o Campo Grande esteve a cargo da Câmara Municipal dos Olivais, passando para a administração da de Lisboa em 1888, sendo presidente da vereação Fernando Palha.

Por morte de Fernando Palha assumiu a administração deste parque Cordeiro Feio, a quem ficou a dever o Campo Grande uma transformação radical, assim como a construção do «Chalet das Canas».

O «Chalet das Canas», que foi demolido há anos, estava situado no fim do lado oriental do Campo Grande, perto dos terrenos onde se efectuava a tradicional feira; era uma originalíssima e artística construção, que, todos os lisboetas de então conheceram e admiraram.

Este «chalet» que era um documento de bom gosto dum homem que o planeou e delineou, e do talento de exímios artistas amadores que nele colaboraram, veio substituir, no mesmo local onde existia, um casebre, que não se recomendava por coisa alguma, que servia de residência ao administrador do Campo Grande.

Foi em 1888 que Cordeiro Feio deu início à substituição do casebre pelo palacete de cinco a seis compartimentos, ao assumir o cargo de administrador deste formoso parque citadino. E com que materiais? Com canas, cortiça virgem e madeira! Tudo era feito com canas encanestradas: o tecto, as paredes e o chão.

A sala da cúpula em estilo manuelino era a mais bela, com os dois arcos apoiados em três colunas à esquerda da porta de entrada, cujo pavimento junto às paredes era forrado de cortiça virgem, sendo o centro da sala de canas encanestradas.

A mobília, que era aparatosa, constava de troncos de árvores cortados graciosamente e guarnecidos de canas. A mais bela das peças era um contador com oito gavetas todo feito de canas e cortiça que se encontrava na sala da direita de quem entrava no «chalet».

À entrada, do lado esquerdo, havia uma surpresa muito original destinada aos visitantes curiosos. Uma porta que instintivamente toda a gente abria movida por esta curiosidade que existe em todos

nós. Ao abrir-se a porta, que não dava passagem para nenhuma sala, via-se aparecer súbitamente um macaco, que apesar de estar embalsamado, assustava o mais destemido. O macaco, por um maquinismo especial, surgia de trás da porta e parecia querer avançar para o curioso que abria esta. Então o visitante recuava sem querer e depois ria da sua própria ingenuidade.

Numa outra sala havia um bonito aquário contendo peixes raros e finíssimos. O aquário era de paredes de cristal e estava disposto de tal maneira que ninguém podia obsequiar os peixes com alimentos, que geralmente eram nocivos.

O «Chalet das Canas» não era despido de decorações. Todas as salas se encontravam ornamentadas com plantas escolhidas e para que ali não faltasse a representação das belas artes, lá se encontravam algumas pinturas a óleo em toros de madeira, entre os quais se destacava um retrato da rainha D. Amélia em bicicleta, pintado por seu marido, El-rei D. Carlos, que era, como se sabe, um exímio amador de pintura. Ali se viam, também, magníficas pinturas a óleo de conhecidos artistas, tais como: Veloso Salgado, Vítor Bastos, Restolho, Félix da Costa, António Baeta, Higinio de Mendonça, Ferreira Chaves e a pintora florista Josefa Greno.

À entrada do «Chalet das Canas», do lado esquerdo, achava-se colocada uma caixa de esmolas para o Albergue das Crianças Abandonadas da iniciativa da Senhora D. Maria Emília Seabra de Castro, esposa do conselheiro José Luciano de Castro.

Como se compreende pelo que atrás ficou dito, todas aquelas maravilhas se devem, em grande parte, à iniciativa e ao impulso de Cordeiro Feio, que se dedicou exclusivamente de corpo e alma ao Campo Grande.

Carlos A. Lopes Teixeira

Adenda

Já depois de ter sido feita a distribuição do anterior número de *Olisipo*, o qual insere um nosso trabalho intitulado *Cinco-Rèizinhos para o Santo António*, dois bons amigos trouxeram-nos umas achegas. Por as reputarmos de interesse aqui se reproduzem.

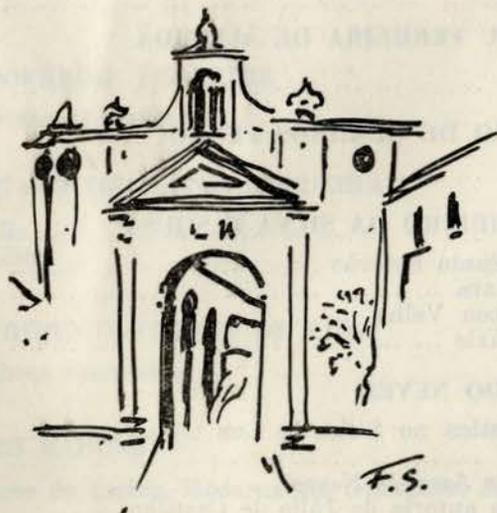
Luís Moita referiu-nos que existiu até há alguns anos, na Rua da Penha de França, uma velha casa sobre cujo portal assentava uma placa de pedra contendo a inscrição: MAMPOSTEIRO DE SANTO ANTÓNIO. A casa foi demolida para dar lugar a uma das muitas aberrações arquitectónicas que, infelizmente, continuam pululando por essa Lisboa fora e a placa sabe-se lá onde foi parar. Mais uma vez se verifica quão vantajoso seria que a Câmara Municipal não autorizasse a demolição de qualquer prédio sem que o

mesmo, antes, fosse visitado por um funcionário a quem a arqueologia e a história da cidade não fossem estranhas. Com tal medida, cuja realização não se nos afigura difícil, quantas coisas deixariam de ir para o entulho arrastadas pela picareta de ignorantes e insensibilizados empreiteiros.

Godofredo Ferreira indicou-nos que no leilão da biblioteca do Prof. Carlos Santos, realizado há anos sob a direcção de Arnaldo de Oliveira, foi vendido um exemplar dos *Privilégios* datado de 1777. Aquele a que nos referimos, no nosso citado artigo, é de data posterior situada no começo do século XIX.

Aos dois bons amigos os nossos agradecimentos e certamente os da meia dúzia de consócios que têm o mau gosto de nos lêr.

A. F. N.



LIVROS

EDIÇÕES DO GRUPO E DOS SÓCIOS



VARIA

	PREÇOS	
	Sócios	Público
Evocação do Café Martinho	esgotado	
Noite de evocação do Leão de Ouro	13\$50	15\$00
Urbanização de Lisboa	4\$50	5\$00
Lisboa de ontem e de hoje do Sr. Rocha Martins	esgotado	
Olisipos (estão esgotados os números 1, 2, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 27, 34 e 43)... cada, dos que existem,	18\$00	20\$00
Evocação do Café-Restaurante Tavares	4\$00	5\$00
Jantar de Confraternização na Casa do Leão	4\$00	5\$00
A cor de Lisboa	13\$50	15\$00

A. VIEIRA DA SILVA

O Castelo de S. Jorge	13\$50	15\$00
A Ponte de Alcântara	13\$50	15\$00
Os Paços dos Duques de Bragança em Lisboa	esgotado	
Fantasia sobre a origem do nome de Lisboa	13\$50	15\$00

DR. ALFREDO DA CUNHA

Olisipo berço do periodismo português	13\$50	15\$00
--	--------	--------

ALFREDO FERREIRA DO NASCIMENTO

Algumas achegas para a História da Defesa de Lisboa	13\$50	15\$00
Os Banhos da Rocha do Conde de Óbidos	13\$50	15\$00
O Quartel de Campolide	13\$50	15\$00
O Quartel do Regimento do Conde de Lippe	13\$50	15\$00
A Torre do Bugio	18\$00	20\$00

DR. AMADEU FERREIRA DE ALMEIDA

Dicionário Excêntrico	36\$00	40\$00
------------------------------	--------	--------

DR. ANTÓNIO DE QUADROS FERRO

O Enigma de Lisboa	7\$00	7\$50
---------------------------	-------	-------

ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA

A Igreja e o Sítio de Santo Estêvão	13\$50	15\$00
O Campo de Santa Clara	13\$50	15\$00
Ronda e Silva de Lisboa Velha	9\$00	10\$00
Bagatelas de tempo vário	9\$00	10\$00

DR. EDUARDO NEVES

Uma recordação sebástica no Sítio da Luz	esgotado	
Um arcebispo Primaz	»	
João Alberto Pereira de Azevedo Neves	»	
Um desenho à pena da autoria de Júlio de Castilho	»	

DR. EDUARDO NEVESPREÇOS
Sócios Público

Ruínas do Carmo	esgotado	
Igreja da Penha de França	»	
Faculdade de Medicina	»	
Lisboa nos Ex-Libris	»	
Lisboa na Numismática e na Medalhística	»	
O Convento dos Barbadinhos Italianos	»	
Do Sítio do Intendente	»	
Lisboetas na Índia e Luso-Indianos em Lisboa	»	
Alocuções	»	
Homenagem a Matos Sequeira	13\$50	15\$00
Dos selos pendentes do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — Um notável selo de 1580	15\$00	20\$00
Um Pintor Romântico Francês em Lisboa, em 1837	esgotado	

F. A. GARCEZ TEIXEIRA

A Irmandade de S. Lucas	13\$50	15\$00
--------------------------------	--------	--------

FRANCISCO LEITE DE FARIA

Lisboa e S. Lourenço de Brindes	13\$50	15\$00
Alvorço na Lisboa setecentista à volta do Barbadinho Frei André de Búrgio	13\$50	15\$00
A Morte de S. Lourenço de Brindes e as homenagens que Lisboa lhe prestou	13\$50	15\$00

FRANCISCO DE OLIVEIRA MARTINS

O Colégio de «Jesus» dos Meninos Órfãos da Mouraria	18\$00	20\$00
O Romance de Almeida Garrett nesta Lisboa	18\$00	20\$00

DR. GILBERTO MONTEIRO

Esboço histórico do Hospital de Belém	18\$00	20\$00
D. Gilberto	13\$50	15\$00

GODOFREDO FERREIRA

Um ricaço lisboeta do século XVII	esgotado	
--	----------	--

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

Auto de S. João	9\$00	10\$00
Lisboa (Comédia)	18\$00	20\$00

HENRIQUE LINHARES DE LIMA

Vultos e sombras medievais	45\$00	50\$00
-----------------------------------	--------	--------

HUGO RAPOSO

Primeiro circuito da Lisboa Moderna em transporte colectivo ...	9\$00	10\$00
---	-------	--------

	PREÇOS	
	Sócios	Público
J. S. VIEIRA		
O Convento dos Marianos		esgotado
JOÃO MONTEIRO		
Estrada de Sacavém	27\$00	30\$00
JOAQUIM ROQUE DA FONSECA		
A Urbanização de Lisboa	13\$50	15\$00
JULIETA FERRÃO		
Lisboa 1870		esgotado
ENG. JÚLIO EDUARDO DOS SANTOS		
Exposição Bibliográfica Antoniana — Junho de 1960 — Estoril ...	9\$00	10\$00
LUÍS MOITA		
A Ermida de Santo Amaro		esgotado
O Metropolitano e as «Sete Colinas» Olisiponenses	7\$00	7\$50
Santiago Rosiñol e a «Alegria que Passa»	12\$50	12\$50
LUÍZ PASTOR DE MACEDO		
Ascendentes de Camilo	13\$50	15\$00
LUÍS TEIXEIRA		
O «Diário de Notícias» e o Século XIX	4\$00	5\$00
DR. MANUEL VICENTE MOREIRA		
Jardins de Lisboa e Porto	9\$00	10\$00
Lisboa Oriental	4\$00	5\$00
O Problema da Habitação	27\$00	30\$00
MÁRIO COSTA		
Da Rua Nova à Rua dos Capelistas	18\$00	20\$00
Duas Curiosidades Lisboetas — O Balão do Arsenal e o Tiro da Escola Politécnica	13\$50	15\$00
A Patriarcal Queimada	18\$00	20\$00
O Palácio do Manteigueiro	18\$00	20\$00
O Palácio Barcelinhos e o seu antecessor o Convento do Espírito Santo da Pedreira	18\$00	20\$00
Uma quermesse de caridade na Real Tapada da Ajuda	45\$00	50\$00
O Sítio de Santo Amaro	18\$00	20\$00
Duas facas de mato notáveis	13\$50	15\$00
Festas do Casamento da Infanta D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra		esgotado

MÁRIO SAMPAIO RIBEIRO

	PREÇOS	
	Sócios	Público
A Igreja da Conceição Velha	esgotado	
A Igreja e o Convento da Graça	13\$50	15\$00
Do Sítio do Restelo e das suas Igrejas de St.ª Maria de Belém	45\$00	50\$00
A propósito da inscrição sepulcral do fundador da Ermida de		
N. S. da Oliveira de Lisboa	18\$00	20\$00
A Calçada da Ajuda	esgotado	

NORBERTO DE ARAÚJO

Pequena Monografia a S. Vicente... .. .	9\$00	10\$00
---	-------	--------

NUNO CATHARINO CARDOSO

Infante D. Henrique — Nótulas históricas	9\$00	10\$00
---	-------	--------

RUY DE ANDRADE

Como o artista Alfredo de Andrade encarava alguns problemas		
da edificação citadina	9\$00	10\$00

DR. RUY DIQUE TRAVASSOS VALDEZ

Subsídios para Heráldica Tumular Moderna Olisiponense... .. .	45\$00	50\$00
A Quinta da Torrinha ao Vale do Pereiro	18\$00	20\$00

ROBERTO DIAS COSTA

A Paróquia de S. Jorge de Arroios	esgotado	
--	----------	--

TINOP

Lisboa de Outrora, 2.º e 3.º vols. cada	13\$50	15\$00
--	--------	--------

PAPELARIA CAMÕES

DE

AUGUSTO, RODRIGUES & BRITO, LDA.

Pincéis, telas, tintas de óleo, aguarelas e guaches
das melhores marcas nacionais e estrangeiras

LISBOA, 2 — 42, Praça de Luís de Camões, 43 — TEL. 32 30 63

ALGUMAS EDIÇÕES
DA
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA



Publicações do 8.º Centenário da Conquista de Lisboa:

DOCUMENTOS PARA A HISTÓRIA DE LISBOA — *Livro I de Místicos e Livro II del Rei D. Fernando; Livro I de Místicos de Reis e Livro II dos Reis D. Diniz, D. Afonso IV e D. Pedro I; Livro do Lançamento e Serviço que a Cidade de Lisboa fez a El-Rei Nosso Senhor no ano de 1565, 4 volumes; Livro I do Tombo das Propriedades Foreiras à Câmara desta mui insigne cidade de Lisboa, 2 volumes; Cabido da Sé, Sumários de Loosada...* (IX e último volume).

GRADES DE LISBOA — pelo Dr. *Jaime Lopes Dias*.

LISBOA — Oito Séculos de História — em 21 fascículos, sob a direcção de *Gustavo de Matos Sequeira* e com a colaboração literária de escritores da especialidade.

S. JOÃO DE BRITO — pelo Dr. *Marinho da Silva*.

Outras Publicações Culturais:

CASAS DA CÂMARA DE LISBOA — por *Luis Pastor de Macedo e Norberto de Araújo*.

A FREGUESIA DE S. TIAGO (2 vols.) — por *Ferreira de Andrade*.

A FREGUESIA DE S. CRISTÓVÃO (2 vols.) — por *Ferreira de Andrade*.

A FREGUESIA DE SANTA CRUZ DA ALCÁÇOVA DE LISBOA — por *Ferreira de Andrade*.

AS FREGUESIAS DE LISBOA — pelo Eng. *Augusto Vieira da Silva*.

DISPERSOS (1.º, 2.º e 3.º vols.) — pelo Eng. *Augusto Vieira da Silva*.

DOCUMENTOS DO ARQUIVO HISTÓRICO DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA — *Livros de Reis* (1.º, 2.º, 3.º e 4.º vols.).

COLECTÂNEA OLISIPONENSE (1.º e 2.º vols.) — por *J. M. Cordeiro de Sousa*.

ENSAIOS DE KANT A PROPÓSITO DO TERRAMOTO DE 1755 — tradução do Dr. *Luís Silveira*.

HISTÓRIA DOS MOSTEIROS, CONVENTOS E CASAS RELIGIOSAS DE LISBOA (vol. 1.º).

INVENTÁRIO DE LISBOA (fasc. 1 a 12) — por *Norberto de Araújo*.

JARDINS E PALACIOS DOS MARQUESES DE FRONTEIRA — por *Cassiano Neves*.

LISBOA SEISCENTISTA — por *Fernando Castelo-Branco*.

O CANCIONEIRO DE LISBOA (3 vols.) — por *João de Castro Osório*.

O FOEMA DE LISBOA — por *Augusto de Santa Rita*.

LISBOA ANTIGA — O bairro Alto (vols. 1.º, 2.º e 3.º) — por *Júlio de Castilho*.

REVISTA MUNICIPAL — da direcção do Dr. *Jaime Lopes Dias*.

PÁGINAS OLISIPONENSES — introdução, selecção e notas de *Fernando Castelo-Branco*.

LISBOA — por *Luís Teixeira*.

LISBOA E OS SEUS ENCANTOS

ARTE E TURISMO

ARCOS DE LISBOA — por *Matos Sequeira*.

JANELAS DE LISBOA — por *Ferreira de Andrade*.

MUSEUS DE LISBOA — por *Fernando Castelo-Branco*.

ESCULTURAS DE LISBOA — por *Fernando Castelo-Branco*.

BERTRAND (IRMÃOS), LDA.

Artes Gráficas

FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
LITOGRAFIA
ROTOGRAVURA
"OFFSET"-DESENHO

Travessa da Condessa do Rio, 7

Telef. 321368 - 321227 - 30054 — LISBOA

A LEGAL & GENERAL

agradece aos

«AMIGOS DE LISBOA»

*a preferência que lhe têm
dado, para os seus
contratos de seguros*

Capital e Reservas:

450 MILHÕES DE LIBRAS

CORRESPONDENTE:

Rua da Madalena, 80, 1.º — LISBOA

Na

LIVRARIA PORTUGAL

... encontra V. Ex.ª livros sobre
todos os assuntos escritos nas
principais línguas europeias

Damos informações biblio-
gráficas e aceitamos enco-
mendas para todos os países

LIVRARIA PORTUGAL

Rua do Carmo

70

Telefones: 3 05 82 - 3 05 83 - 32 82 20

Secção de revenda e armazéns
Rua da Oliveira ao Carmo, 21-23

LISBOA - 2

Pérola do Rossio

Limitada

Casa especializada em Chá, Café, Bolachas, Bombons e Chocolates

Envio de encomendas

para

Todo o País e Estrangeiro

Rossio, 105 · Lisboa · Telef. 32 07 44



GAIVOTAS, LDA.

FÁBRICA DE VIDROS E CRISTAIS

Fundada em 1811

Telefs. 663177/78

Especializada em todo o género de vidraria para iluminação, frascaria para perfumaria e laboratórios e artigos domésticos

A alta qualidade do seu fabrico corresponde a preferência dada aos seus produtos por uma vasta Clientela da Metrópole, Ultramar e Estrangeiro

Fábrica: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 14 a 24

Escritório: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 20-C 1.º

Casa de venda ao público: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 14 a 24

LISBOA

Companhia Nacional de Navegação

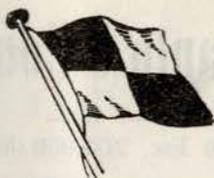
Sede: Rua do Comércio, 85 — LISBOA — Telefones 32 30 21 e 32 30 26

Sucursal: R. Infante D. Henrique, 63 — PORTO — Telefones 2 24 38 e 2 24 39

Serviço rápido de carga e passageiros para a África
Occidental e África Oriental, Oriente e Norte da Europa

UMA FROTA AO SERVIÇO DA NAÇÃO E DO IMPÉRIO

Navios de passageiros	Tons. D. W.	Tons. desloc.	Navios de carga	Tons. D. W.	Tons. desloc.
Príncipe Perfeito... ..	8.600	20.000	Sofala	12.145	18.520
Moçambique	9.423	18.220	Moçâmedes ..	9.120	12.990
Angola ...	9.550	18.250	Rovuma	9.120	12.990
Niassa ...	9.706	16.330	S. Tomé ..	9.050	12.550
Quanza ...	6.230	11.550	Nacala	3.370	5.130
Índia	6.655	11.677	Tagus	1.532	2.581
Timor ...	6.655	11.677	Chinde	1.543	2.592
Zambézia ...	1.857	3.538	Angoche ..	1.630	2.320
Lúrio	1.857	3.538			



COMPRAMOS

LIVROS DE BONS AUTORES

Grandes e pequenas quantidades

LIVRARIA «ECLÉTICA»

Calçada do Combro, 58

• Telef. 32 8663

• LISBOA

CASA AFRICANA

●
**PREÇOS FIXOS
E MARCADOS
EM TODOS OS
ARTIGOS**

Secção de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria. Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para **HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS**

●
**ON PARLE
FRANÇAIS**

Rua Augusta, 161 - Telef. 32 42 64 - 65 P. B. X.
LISBOA

●
**ENGLISH
SPOKEN**

Rua Sá da Bandeira, 166 - Telef. 1361 P. B. X.
PORTO

Edifício do Cruzeiro — ESTORIL

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

S. A. R. L.

Capital Realizado Esc. 200.000.000\$00

Reservas Esc. 230.000.000\$00

RUA DO COMÉRCIO, 95 A 119

L I S B O A

Filiais - Porto, Coimbra, Braga, Covilhã, Faro, Guimarães e Ponta Delgada.

Agências - Abrantes, Alferrarede, Amadora, Anadia, Castelo Branco, Espinho, Estoril, Figueiró dos Vinhos, Gouveia, Guarda, Leiria, Lordelo (Douro), Mangualde, Matosinhos, Minde, Montemor-o-Novo, Montijo, Moura, Olhão, São João da Madeira, S. Mamede de Infesta, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo, Trofa e Vila Franca de Xira.

Dependências urbanas:

LISBOA - Alcântara, Almirante Reis, Belém, Benfica, Camões, Campolide, Campo Grande, Conde Barão, Graça, Poço do Bispo, Praça do Brasil, Praça do Chile, Praça Duque Saldanha, Praça de Londres e Rossio.
PORTO - Carvalhinho, Costa Cabral e Mousinho da Silveira.

●
T O D A S A S O P E R A Ç Õ E S B A N C Á R I A S

RONDA DOS BAIRROS



ALVALADE

S é certo que Lisboa sente verdadeiro orgulho em se rever nas ruas pitorescas dos velhos bairros, também é verdade que esta formosa Capital de um grande Império se não deixou ficar estática, indiferente ao progresso que categoriza as modernas urbes.

Procurando novos horizontes, na conquista de espaços onde possa abrigar a sua população sempre crescente, Lisboa culminou em Alvalade uma época de evolução urbanística que ficará, na história lisiponense, a testemunhar a visão, sensibilidade, trabalho e espírito empreendedor, dos homens do nosso tempo.

Construído em meia dúzia de anos, o bairro de Alvalade caracteriza-se, principalmente, pela harmonia de todos os pormenores, adivinhando-se, nas mais pequenas coisas, o alto mérito do plano de conjunto que o precedeu.

Quem, por consequência, quiser conhecer uma Lisboa diferente daquela a que nos habituámos, uma autêntica cidade nova orgulhosa do presente em que vive, em Alvalade a encontrará, sorrindo alegremente para o Futuro.

O Bairro de Alvalade é servido pelas carreiras de «eléctricos» n.ºs: 2 e 2-A; e pelas de autocarros n.ºs: 1, 17, 21 e 27.



SENA SUGAR ESTATES, LTD.

Plantações e Fábricas de Açúcar em

LUABO

e

MARROMEU

PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

NA LISBOA
DE ONTEM



E

NA LISBOA
DE HOJE



COMO, AFINAL, EM QUALQUER PARTE,
CONTRA A TOSSE:

BENZO-DIACOL